

Recensões

Recensões

FAUSTO COLOMBO & LEOPOLDINA FORTUNATI (EDS) (2011).

Broadband Society and Generational Changes.

New York, Peter Lang

CRISTINA PONTE

CIMJ – CENTRO INVESTIGAÇÃO MEDIA & JORNALISMO

FCSH – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Com os seus 19 capítulos, este é um livro que tardava para os Estudos dos *Media* que têm vindo a explorar as relações das pessoas com os *media* numa dimensão marcada pelo tempo. De facto, os estudos sociológicos sobre famílias, gerações e curso de vida e os estudos dos *media* mantiveram-se longo tempo na ignorância mútua de como cada um precisava do outro para uma investigação crítica sobre essa realidade. Programas e políticas que considerem não só os mais novos mas também os mais velhos (os *seniores* que assistiram ao aparecimento de tantos *novos meios*) e a condição diferenciada dos adultos, marcada nomeadamente pela condição socioeconómica, o género, o capital cultural.

Essa (re)descoberta das gerações numa perspectiva societária – e não apenas familiar – tardou nos estudos sociais. Foi nos anos 1920 que o pensador alemão Karl Mannheim elaborou sobre o conceito de geração, precisamente destacando a posição dos jovens que viviam esse tempo do pós-Guerra na Alemanha em condições muito diferentes das vividas por gerações anteriores. Para a (re)descoberta das gerações nos estudos comunicacionais contribuíram os *media* digitais, escreve neste livro Piermarco Aroldi, do Observatório de Comunicação (OssCom) da Universidade Católica de Milão, um centro de investigação que tem desenvolvido estudos na perspectiva geracional. Aroldi faz notar como o desenvolvimento dos *media* e das TIC muda formas de transmissão cultural e de socialização, acentuando diferenças entre grupos sociais e entre grupos de idade (p. 52).

Nas suas mais de 300 páginas, a obra organiza-se em dois blocos. O primeiro, *Generational Changes*, proporciona enquadramentos teóricos e conceptuais para o debate sobre gerações e *media*. O segundo, *Broadband Generations*, proporciona um fresco de pesquisas empíricas vindas de várias latitudes. Começa pelos mais novos, em análises provenientes da Austrália, Estónia, Turquia e (sobretudo) da Itália – evidenciando como esta linha do OssCom tem criado “escola”. Os temas vão da discussão das etiquetas geracionais (*geração Y, geração Google, geração Facebook...*), das experiências com as redes sociais ou das narrativas digitais dos mais novos sobre a cultura dos *media* de massas de que estão rodeados, à importância dos pares na socialização mediática e a como a internet pode constituir um depósito de imagens de tempos não vividos, contribuindo assim para os processos de formação da identidade individual e colectiva dos mais novos.

Entre os capítulos que incidem em gerações de adultos e de idosos, destacamos o relativo ao Programa SOPRANO (2007-2010), uma iniciativa da Comissão Europeia que reuniu

num consórcio indústrias de *hardware*, fornecedores de internet e centros de pesquisa de vários países europeus, em torno do desenho de tecnologias adequadas a constrangimentos físicos, como teclados minúsculos. Um terceiro conjunto de capítulos cruza gerações, comparando diferenças e semelhanças nos usos do digital, e encerra com a análise de relações entre gerações na domesticação das tecnologias em família – neste caso, na Eslovénia.

A discussão teórica em torno dos *media* e das gerações, da primeira parte desta obra, marcou a pesquisa sobre gerações e usos (ou não usos) da internet, do Projecto *Inclusão e Participação Digital*. Vejamos três dos seus contributos.

Fausto Colombo, presidente do OssCom, sistematiza como a definição de geração tem sido encarada pela Demografia, a História, a Sociologia e o Marketing, com este a surgir como hegemónico no discurso público e a ser incorporado, frequentemente de forma não crítica, na investigação em *media*. O autor explora o conceito de geração a partir da metáfora das ondas marítimas, que se podem suceder de uma forma relativamente regular ou, pelo contrário, assumir em certos momentos excepcionais a força de um *tsunami* –, como acontece com o carácter excepcional de certas gerações na História dos países. Mas as gerações podem também advir de ocorrências externas, quando acontecimentos espectaculares (a chegada à Lua) ou traumáticos adquirem a dimensão transnacional. Foi o caso do 11 de Setembro, “o primeiro acontecimento com significado histórico em que a internet desempenhou um papel chave na velocidade de produção da informação e na sua difusão” (p. 29). Outro *tsunami* geracional foi o ano de 1968, na Europa, Estados Unidos e noutros países industrializados, influenciando essa geração e a construção biográfica (e produção artística) de gerações seguintes.

O capítulo do sociólogo alemão Michael Corsten, *Media as the “historical new” for young generations*, incide na centralidade dos *media* na definição geracional. O autor coloca-a na *adolescência* enquanto a *juventude* era o momento apontado por Mannheim, revê os três conceitos deste associados a geração - *localização geracional* (“estrutura de oportunidades” vividas num idêntico momento da vida), *realização geracional* (o modo como cada membro de uma dada geração racionaliza e intui que partilha uma mesma estrutura da experiência por ter crescido num mesmo tempo); e *unidades geracionais* (que realizam essa experiência de diferentes modos) – e recorre também aos conceitos da sociologia da cultura e do conhecimento de Mannheim, não-cognitivista. Como refere, “as dimensões da experiência, do pensamento e do conhecimento são sempre constituídas por uma relação corpo-mundo (biologicamente sustentada) de onde decorrem as experiências, socialmente partilhadas e dotadas de significado” (p. 44), assim cortando com o olhar do cognitivismo.

A partir deste cruzamento e convocando as perspectivas de Luhman, sobre os *media* como artefactos de registo, documentação e disseminação da comunicação, e de Foucault, sobre a análise do discurso enquanto intersecção de quatro níveis de formação discursiva (materialidades, modos de articulação, estratégias e conceitos), Corsten ilustra as mudanças na formação do género *música popular*, “um modo de articulação estável que é também importante para as gerações mais novas de um determinado momento histórico”

(p. 46). De 1920 à primeira década do novo século, faz notar cinco grandes momentos (anos 1920-50; 1950-70; 1970-80; 1990 e 2000) marcados pela diversidade da *materialidade* (rádio; televisão e discos; gravadores; Web 1.0; Web 2.0), dos *modos de articulação* (estúdio vs ao vivo; electrificação; Hi-Fi; remix; *appearance*), das *estratégias* (reprodução; pré-dominância; distinção; integração; *networking*), e dos conceitos (pureza; intensificação; (im)perfeição; harmonia; *performance*), com cada um a marcar (e a ser marcado por) aqueles que o viveram na adolescência.

Por fim, e voltando ao início desta recensão, Piermarco Aroldi, em *Generational belonging between media audiences and ICT uses*, discute *se e como* os *media* contribuem para a construção de identidades geracionais, e como a pertença geracional afecta os usos dos *media* e as práticas quotidianas do seu consumo. Constrói para isso um quadro analítico com quatro dinâmicas temporais e contributos dos *media* para a identidade geracional: a *memória* dos momentos históricos do passado, *que* arquiva; a *vivência* dos acontecimentos do presente, seguidos através deles; a *reflexividade*, pelos discursos, narrativas pessoais e representações em torno deles; e por fim, a *agência*, como os *media* podem contribuir para a participação cívica, pelas escolhas e os usos que deles se faz.

Uma obra densa e estimulante, a que apetece voltar.

DAHLGREN, PETER (2009).

Media and Political Engagement: Citizens, Communication, and Democracy.

Cambridge: Cambridge University Press.

MARIA JOSÉ BRITES

DOUTORANDA

FCT – FUNDAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA

CIMJ – CENTRO INVESTIGAÇÃO MEDIA & JORNALISMO

FCSH – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Os problemas e os benefícios da democracia actual ou, melhor dizendo, da democracia mediada actual, são centrais nesta obra onde Peter Dahlgren traça caminhos, pontes e soluções que se podem abrir à política, através das mediações e das confrontações a que está sujeita. A problematização contemporânea sobre o envolvimento político e cívico é central e, como tem sido estabelecido pelo investigador sueco, não pode ser dissociada da *praxis* para que a teoria passe a ser entendida como prática civilizacional. Os *media* são aqui entendidos como pré-requisitos para a construção da democracia nos nossos dias. A sua importância, inerente e omnipresente, é fundamental, tanto na comunicação política e cívica quanto nas relações interpessoais mais descentralizadas no quotidiano dos cidadãos.

A identidade cívica, nas palavras do autor, é uma pré-condição para que o indivíduo queira e tenha condições para passar do nível do “gostaria de fazer” para o “eu faço”. Com isto, quer dizer que é preciso haver uma identidade com o acto participativo, para que ele não seja fugaz e limitado na intensidade e no tempo. As identidades cívicas surgem do fazer e da experiência na esfera da vida quotidiana, privada ou pública, e o debate sobre a democracia é feito tendo como base o entendimento da cidadania de agência. Este é, aliás, um dos pontos-chave do pensamento dahlgreniano: a cidadania é considerada enquanto cidadania activa. O cidadão deve estar apto para dar um salto no contributo para a democracia – é um cidadão activo e participativo. Na trajectória da *praxis* democrática é inevitável e incontornável o confronto com a tecnologia.

Relativamente ao jornalismo, o investigador argumenta a confluência do jornalismo numa *twilight zone*, ou seja, numa encruzilhada. Os motivos prendem-se com a incapacidade de o jornalismo, assumido como factor relevante para o desenvolvimento saudável da democracia, em deixar de estar preso às suas eternas dificuldades de se ligar aos cidadãos e à democracia. O Professor Emérito da Universidade de Lund salienta, contudo, o papel que se espera que seja desempenhado pelos jornalistas: serem capazes de educar os cidadãos para a democracia, mesmo que essa seja uma trajectória lenta e até tortuosa.

Depois de reflectir sobre cidadania e agência, o autor considera o envolvimento político e a participação, com um a conduzir ao outro e os dois a estarem dependentes das emoções.

Dahlgren confronta-nos com a ideia de que, se pensarmos nas barreiras que existem à participação à entrada na discussão política, “seríamos inconsequentes se negássemos o papel indispensável do lado afectivo do envolvimento político” (páginas 83 e 84). Para o autor, a emoção não exclui a racionalidade – pelo contrário, uma implica a existência da outra, e o voto é apenas uma das formas de participação, entre as várias com que os cidadãos se deparam no seu dia-a-dia. O simples acto de conversação pode constituir uma importante forma de participação, o não-político pode tornar-se político, numa visão mais alargada do que é política nas sociedades actuais.

A partir do V capítulo, emergem duas propostas fundamentais da obra de Dahlgren. Por um lado, porventura a mais relevante conceptualização teórica do autor, o modelo de culturas cívicas; por outro, a análise mais segmentada dos possíveis papéis da televisão e da internet neste debate e o seu empenho pela democracia.

O autor assume que as culturas cívicas resultam da conciliação, nem sempre fácil nem pacífica, de três linhas: a comunicação política, a teorização do espaço público e os estudos culturais. A ancoragem na vida quotidiana é uma condição prévia para que as culturas cívicas sejam viáveis e fontes de participação. Por isso mesmo, são moldadas por diferentes factores: relações sociais, pessoais, institucionais e mediáticas.

O circuito das culturas cívicas é composto por seis dimensões trabalhadas por Dahlgren: *conhecimento, valores, confiança, espaços, identidades e práticas*.

As primeiras três dimensões decorrem da tradição da comunicação política. O conhecimento é o ponto de partida para a participação sendo muito influenciado pelos *media* e pelas suas mensagens. Os valores são partilhados pelos indivíduos, mas o autor alerta que isso não significa que evitem antagonismos. Já a confiança, tida como elemento valorativo para a comunicação, é fundamental, mas deverá ser contrabalançada com uma certa dose de desconfiança para evitar uma visão ingénuo do mundo.

No segundo grupo de dimensões, os espaços, virtuais ou reais, são os locais onde a acção pode decorrer. As identidades, como vimos, são os elementos que fazem com que o cidadão se conecte com a acção, isto porque implicam o *gosto* e a *vontade de* e contribuem para que a acção deixe de estar no plano individual e passe ao comum, no sentido daquilo que *nos interessa no colectivo* (página 121). Por fim, as práticas constituem o tal passo necessário para que as culturas cívicas se desenvolvam e se efectivem já que, para Dahlgren, o envolvimento político implica um esforço de *praxis*, uma ideia que reforça concluindo que as práticas se constituem e reforçam até acabarem por se tornarem tradições da vida quotidiana.

A súmula destas seis dimensões é contextualizada na utilidade das redes sociais (em colaboração com redes dos *media*) criadas pelas interações sociais que consubstanciam o circuito. Estas são redes complexas, que não se baseiam apenas nas relações de poder nem nas implicações de classe social (página 123).

Dahlgren sublinha dois *media* com especial ligação às culturas cívicas: a televisão, na senda dos seus primeiros trabalhos, e a internet, a que tem dedicado mais atenção nos últimos anos, nas actividades de investigação empírica em que tem estado envolvido. Esta é analisada pelas oportunidades que proporciona para que os cidadãos possam ser mais

empoderados e activos. Se é importante sob o ponto de vista da comunicação política, então mais relevante se torna sob o ponto de vista das necessidades das culturas não dominantes. A sua capacidade de renovação, os limites nos custos, a facilidade de algumas ferramentas e as possibilidades de gestão e fomento de redes pessoais e entre pares, designadamente entre os mais novos, são elementos que o autor considera importantes sob o ponto de vista deste admirável mundo digital.

Anotamos ainda que, no artigo “Opportunities, Resources, and Dispositions: Young Citizens’ Participation and the Web Environment” publicado no *International Journal of Learning and Media* em 2010, onde analisou dados do projecto CivicWeb, Dahlgren se centra, também, na necessidade de o mundo *online* estar em ligação com o *offline*, para que se promovam de forma mais eficaz o acesso e a participação.

SENF, THERESA M. (2008).

Camgirls: Celebrity and Community in the Age of Social Networks.

Peter Lang, New York.

ANA JORGE

DOCTORANDA

FCT – FUNDAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA

CIMJ – CENTRO INVESTIGAÇÃO MEDIA & JORNALISMO

FCSH – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

A partir de meados da década de 1990, um conjunto de raparigas na casa dos 20 anos atingiu um nível de fama, pelo menos no interior de algumas subculturas, por partilhar com o público em geral experiências da sua vida através da emissão *Web* de imagens vídeo. A mais famosa das *camgirls*, *JenniCam*, colocou uma câmara no quarto da sua residência universitária, transmitindo tudo o que se passava na vida no dia-a-dia de uma estudante norte-americana, incluindo relações sexuais, e partilhando diários e fotografias. Theresa Senft, professora na Universidade de East London, pergunta-se: «era este mesmo o futuro das mulheres nos novos *media*?». Para reflectir sobre esta apropriação da tecnologia, a autora apresenta nesta obra um «estudo etnográfico e crítico sobre uma geração de *camgirls* e seus espectadores» (p. 1), suportado em entrevistas, *online* e presenciais, a ambos os tipos de agentes, na análise da performance e uma reflexão sobre a sua própria experiência enquanto *camgirl* durante 18 meses.

Na verdade, depois de começar a estudar este fenómeno, a própria académica começou a emitir imagens para a internet, tornando-se famosa como “a *camgirl* que estuda as *camgirls*”, partilhando até capítulos da sua investigação com a comunidade que estudava. Algumas das limitações da obra decorrem precisamente daí, ou seja, a proximidade da autora em relação à experiência torna o ensaio muito íntimo, por vezes com pouca profundidade teórica. O enquadramento teórico situa-se nos domínios do feminismo e dos usos sociais da tecnologia, mas aparece por vezes em plano subalterno ao da narração das experiências. A leitura é sem dúvida mais leve em consequência, para o que contribui também o estilo cadenciado da escrita: subtítulos a dividir trechos reduzidos de texto, lembrando os próprios *posts* de diários *online* das *camgirls* sobre que a autora se debruça. O que resulta, de algum modo, é um documento tanto intimista como histórico, relativo aos primórdios da internet e anterior ao sucesso das redes sociais e dos *sites* de alojamento de vídeo, quando as condições de acesso eram limitadas e exigiam não só capacidade económica como destreza e competências tecnológicas sofisticadas.

Esta partilha de experiências de vida das mulheres através da tecnologia coloca questões às feministas sobre a capacidade de este fenómeno se constituir como acto político ou, pelo contrário, ficar meramente a um nível de oferecer a mulher ao olhar masculino.

Por um lado, as *camgirls* procuram reconhecimento junto da comunidade que estabelecem, projectando-se como marcas e gerando um 'trabalho emocional' recompensado sob a forma de (micro-)celebridade ou de, através disso, recompensa financeira. Por outro lado, apresentam pretensões de realidade, fazendo parte de uma cultura confessional e de partilha da privacidade, mas reclamando a diferença de uma maior imediatividade, evidente na menor edição das transmissões. Contudo, não só as emissões limitadas, sendo raros os casos de *camgirls* a emitir em contínuo, como também o controlo tecnológico fazem com que a mediação sobre estas narrativas seja considerável, julgando Senft que estas figuras da Web constroem uma 'autenticidade teatral', um imperativo para quem quer ter sucesso nestes ambientes.

As *camgirls* oferecem retratos, imediatos e íntimos, que geram identificação ou atraem audiências, mesmo que por relações de ódio. Por isso, são frequentemente reduzidas a exibicionistas, tal como as audiências são identificadas apenas com *voyeuristas*. A interacção com a comunidade tem a capacidade de moldar as suas identidades; especialmente as *camgirls* que funcionavam com subscrição dos visitantes tornaram-se mais subservientes às exigências da sua audiência. Que consequências poderia, então, ter este tipo de representação gerada pelas próprias mulheres, face «a todas as supostas possibilidades para as mulheres remodelarem o significado do género no ciberespaço» (p. 37)? A autora observa que estes novos espaços de discurso abertos para as mulheres no ciberespaço não podem reduzi-las à dimensão de *camgirls*, mas têm que permitir um 'essencialismo estratégico', que relacione essa com outras identidades. Por outro lado, reclama uma memória justa destas figuras, não como '*cyborgs* pornográficos', mas antes como procurando estabelecer identidades e comunidades relacionais através da tecnologia. É certo que algumas *camgirls* usavam a pornografia, mas Senft considera que o faziam como estratégia consciente e deliberada precisamente para contra-atacar as acusações que sobre elas pendiam.

É no mesmo espírito feminista que a autora não olha apenas para a comunidade que se estabelece com a audiência, mas também entre as mulheres que partilham esta experiência. Através do conceito de 'tele-ética', ou seja, advoga um compromisso para se envolver com as comunidades mediadas, ainda que a tecnologia seja parte fundamental da construção das suas identidades e relações. Este ponto é convocado por uma reflexão sobre uma crise, quando uma *camgirl* se tentou suicidar *online* e os seus seguidores só puderam assistir, porque nenhum sabia a sua morada nem como agir no *offline*. Num nível ainda mais vasto, Senft defende uma 'solidariedade reflexiva em rede', que junte *camgirls* e as suas audiências numa experiência não só individual mas política. A autora discute a noção, cada vez mais actual, de 'amizade' em tempo de redes sociais, imaginando um ciberespaço feminista em que as mulheres são amigas e irmãs através da tecnologia.

O fenómeno das *camgirls* perdeu significado cultural quando a tecnologia se popularizou, quer através da penetração da banda larga quer da disseminação das redes sociais. No entanto, as questões da formação de identidades femininas, e comunidades em seu torno, através da tecnologia continuam actuais. Além disso, em termos epistemológicos ou de ética da investigação, esta obra coloca outras questões que são convocadas pela

era digital: por um lado, a proximidade dos investigadores em relação aos objectos de reflexão e a ductilidade dos objectos multimédia para tratamento académico devem ser questionados na sua credibilidade e não apenas aceites linearmente. Por outro lado, Theresa Senft mantém um site (terrisenft.net/) onde partilha vídeos, texto e fotos da sua pesquisa académica, como fazem cada vez mais 'intelectuais públicos', o que, se permite devolver às comunidades estudadas os resultados da pesquisa, coloca também questões ao nível da maturação dos resultados e, necessariamente, dos direitos e da profundidade dos materiais.

SUBRAHMANYAM, KAVERI & SMAHEL, DAVID (2011)

Digital Youth: The role of Media in Development.

New York: Springer

MAGDA SOFIA ROBERTO

FCSH – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

A presente obra, de Kaveri Subrahmanyam e David Smahel, tem por base o mundo digital dos adolescentes, integrando as questões de desenvolvimento na adolescência com as formas pelas quais os jovens utilizam a internet. A colaboração entre autores permitiu a publicação de um livro que se fundamenta na apresentação de dados empíricos de vários países que resumem a investigação sobre o impacto da internet nos adolescentes. Em 12 capítulos, apresenta-se uma abordagem equilibrada que aposta na difusão de resultados sobre as vantagens e os riscos disponibilizados pelas novas tecnologias.

Após um capítulo inicial, que caracteriza o mundo digital dos adolescentes, são explorados três traços do seu desenvolvimento psicossocial para organizar a estrutura do livro: sexualidade, identidade (incluindo a identidade moral) e construção de relações de intimidade. Os autores salientam que a investigação demonstra que o mundo digital tem potencial para influenciar não só as práticas comportamentais dos adolescentes como também as suas crenças, atitudes e percepções. Contudo, o crescimento psicológico dos jovens depende da sua interacção com o meio que os rodeia. Os adolescentes não são agentes passivos na assimilação de experiências e também eles afectam a construção das experiências assimiladas, concedendo um novo significado ao seu impacto. Assim, para os autores, o mundo digital e os adolescentes interagem entre si resultando, desse processo dinâmico, adaptações contextuais quer no utilizador quer no mundo digital.

Os autores dirigem, ainda, a sua atenção para duas outras dimensões na discussão dos resultados que vão apresentando: a saúde e o comportamento. Ao nível da saúde, conceitos como bem-estar físico/psicológico e doença são analisados. A internet é avaliada como ferramenta que pode ter um impacto no bem-estar dos adolescentes dependendo da qualidade do uso que os jovens lhe atribuem. Focando a dimensão comportamental, preocupam-se em salientar aspectos negativos que o mundo digital tende a provocar nos adolescentes, como comportamentos de dependência, violência, *cyberbullying* e vitimização. Ao focarem estes elementos, tentam demonstrar que a internet também expõe os jovens a conteúdos e a interacções negativas que podem impactar as suas atitudes e comportamentos colocando-os em situações de risco.

Sempre que a investigação sobre jovens não se encontra disponível, são apresentados exemplos citando resultados de trabalhos feitos com adultos. Se, por um lado, este dado identifica a preocupação em fornecer informações sobre o tema, por outro, uma vez que a abordagem teórica que sustenta a obra é de cariz desenvolvimentista, restringe-se a

possibilidade de extrapolar esses efeitos apresentados para os adolescentes.

Subrahmanyam e Smahel concluem o seu trabalho focando estratégias que podem ser aplicadas a nível micro (e.g. famílias, escolas) e macro social (e.g. estruturas governamentais) e que assentam num papel proactivo de monitorização das actividades desenvolvidas na internet e discussão dos riscos *online* com professores e familiares.

Uma chamada de atenção vai para o facto de este livro permitir, também, corrigir mitos sobre o impacto da internet no comportamento dos adolescentes, apresentando medidas para uma utilização saudável desta tecnologia. Contudo, os autores reforçam que não há uma solução correcta para lidar com os jovens. A especificidade dos jovens faz com que cada família tenha de tomar decisões individuais adequadas às necessidades de monitorizar as práticas *online* dos adolescentes.

Esta é uma obra de referência não só para profissionais e estudantes interessados nos riscos e benefícios da interacção entre tecnologia e adolescentes, mas para todos os que se preocupam com o crescimento saudável destes jovens no mundo da era digital.